

Entrevista com “Kamesu”

Entrevistador: Milton Miguel

Mini Biografia:

Kamesu também conhecido como Voz seca é Emcee, produtor, poeta, activista, entusiasta nas áreas da teoria da música e sobre tudo, no cultivo do conhecimento sobre si, sua comunidade e respectivo legado histórico. Nascido aos 24 de Agosto, na província Luanda, Angola. É formado em Gestão de Empresas, consultor e Contabilista de Profissão.

Há mais de 20 anos na estrada, que conta com participações em projectos como, Filhos da Resistência, Linhas de Comunicação, tem um Ep colaborativo com o produtor nacional, Marcial Hydhrolliczx, intitulado *Sankofa*, edição independente. tem participações em músicas de vários outros artistas e alguns singles. O seu primeiro álbum de originais foi lançado em 19 de Dezembro de 2020, no Elinga Teatro, em Luanda, tem como título *Kontra Ofensiva*, também de edição independente.

Tem no seu repertório colaborações de artistas de Spoken Words, de Canto e Emcees como segue a lista: Sankofa, Mukonda Leal, Winnie Neto, Loromance, Klawdiu Bantu, Kool Klever, Kid MC, Dj Mamen, Ndaka Yo Wiñi, Normi Queen (Cuba), Denéxl, Dj Nell Assassin (Portugal), Mono Stereo, Samanta Clemente, Aluno Mestre e Hostil. Neste momento encontra-se unicamente na plataforma digital Youtube, mas deverá já estar disponível para outras em breve.

1. Conhecendo o Artista:

Pergunta: Quem é o Kamesu? De onde veio esse nome?

Resposta: Kamesu é um nome em língua nacional Kimbundu, tem a sua origem na região Norte do território angolano pertence ao grupo étnico AMBUNDU. O nome significa "olho pequeno". A sua grafia pode, eventualmente, criar uma certa confusão em relação a sua pronúncia, ou seja, não obedece o padrão gráfico e fonético da língua portuguesa e assim sendo, escreve-se com K-A-M-E-S-U e lê-se CAMESSO. Isso ocorre porque nas línguas africanas há a particularidade de cada grafema assumir um único som, independentemente da sua posição na estrutura silábica ou na palavra, isto é, o grafema “S” em Kimbundu representa um som fricativo equivalente ao grafema “Ç” em português, mesmo estando entre vogais.

A Kultura Hip Hop levou-me à busca do auto-conhecimento e este levou-me até ao encontro de mim mesmo e lá descobri a necessidade da afirmação identitária e vi no nome Kamesu a forma do ser e estar enquanto membro de um grupo de seres sábios, descendentes de Reis e Rainhas. Então decidi dar forma de acordo à minha perspectiva e disse; Kamesu - Olhos pequenos, mas que veem para além das grandes barreiras. Para dizer que, o nível de cogitação é sublime e não se limita ao óbvio, vai além e traz a realidade terrena como forma de contribuir para o bem-estar comum.

Pergunta: Qual sua área de formação e a sua rotina de trabalhos entre a música e as demais atividades?

Resposta: A área de formação é Gestão de Empresas e trabalho em Consultoria Financeira, como Contabilista de Profissão. Não tenho tido muito tempo para fazer Rap como gostava e isso se reflecte no nível de produção de trabalhos musicais, mas o facto de viver e sentir o Hip Hop como parte essencial do que construiu a minha personalidade, não consigo ficar um dia sem praticar, pratico em casa, no carro, no trabalho e em qualquer outro lugar como forma de não desviar o foco e me perder nas responsabilidades da vida profissional. Em linhas gerais, normalmente, divido os finais de semana entre os filhos, a Kultura Hip Hop e o desporto, tem sido assim desde muito tempo.

Pergunta: Como a sua formação académica influencia em seu trabalho como rapper?

Resposta: Influencia essencialmente no alargamento da visão em relação a gestão de carreira, organização dos projectos na óptica da execução dentro dos times, maior capacidade de análise aquando do processo de criação, essencialmente.

Pergunta: Sabendo que Angola é um país em que os ataques a liberdade afligem os ativistas e as pessoas em sua volta, você recebe algum apoio e/ou incentivo da família e/ou amigos para seguir como artista na missão de uma reconstrução social?

Resposta: Os ataques as liberdades instalaram em Angola a cultura do medo e este acaba sendo dos principais motivos da falta de apoio que da família, como de amigos. Este cenário transforma artistas voltados para o activismo como suicidas e poucos são os que querem dar a cara com o medo de serem conotados e isso significar a perda de certos “privilégios”. Já estivemos pior, mas desde 2011 (ano de início das principais mainifestações contra o governo do MPLA), as pessoas foram ganhando maior consciência, associado ao facto de que as condições continuaram caóticas, aumentou e tem aumentado o proso de pessoas disposta a lutar ou a apoiar quem luta por uma Angola melhor e mesmo por Angola que a resistência se fará até que a victória se consuma.

Pergunta: Sabendo que você é um artista que atua desde a década de 90. Como você vê a recepção do seu trabalho do pessoal daquela época e as pessoas da época atual?

Resposta: Felizmente tem sido muito bem recebido pelas pessoas das duas épocas e isso agrada-me muito pelo facto de que, sinto que fui capaz de construir uma obra que transcende as barreiras dos tempos. Dos mais velhos, tenho tido o reconhecimento de que consegui trazer um conteúdo que reflecte a melhor face do Hip Hop/Rap da altura (era do Boom Bap e de maior informação nos versos), dos mais novos, o reconhecimento por conseguir trazer uma qualidade artística que corresponde aos tempos actuais sem seguir tendências dominantes.

Pergunta: O álbum “Kontra Ofensiva” mostra de forma explícita a desigualdade social, podemos ver isso já na música Verbo Lírico. Como funcionou a ideia dessa música e a produção deste projeto/álbum?

Resposta: Bem, a ideia surgiu do advento das várias reacções que foram se desencadeando a volta da “eleição” do novo presidente, viam-se no palco vários actores da sociedade a falarem sobre tal, muitos deles como se de um “El Dourado” se tratava, porquanto as condições continuavam “Caótica”. Decide também dar o meu parecer em “Lírica”, chamando atenção a classe de jovens de que é preciso sermos nós os principais responsáveis das mudanças que procuramos e que, a mudança depende essencialmente de ver as coisas com olhos de ver não com olhos do estômago.

Quanto ao processo criativo do àlbum, este foi sempre dentro da perspectiva de responder a necessidade de informar e fazer com que isso significasse maior abertura em relação ao auto-conhecimento sobre nós e sobre as nossas lutas em prol do bem comum e sobretudo, para uma África que consiga andar e falar por ele mesmo no palco das acções enquanto uma nação de seres livres e soberanos. Responder a ataques que perigam a nossa integridade.

Pergunta: A faxia nº 08 skit, com aquela voz mística, qual a intenção e qual a sua mensagem?

Resposta: Trata-se de uma disonância intencionalmente provocada para despadronizar a forma como a mensagem é recebida e elevar a extensão cognitiva para um palco em que a compreensão é livre. Normalmente, isso traz resultados muito próximos ao que se pretende.

Na verdade é uma apresentação muito bem elaborada pelo Klawdiu Bantu, que explicou o que é a Kultura Hip Hop e seu grande poder na transformação de um mundo melhor para todos!

Pergunta: E fazendo comparação ao título do álbum... Kontra ofensiva, dá o relato do álbum?

Resposta: Claramente que sim, embora o conceito sempre esteve ligado a perspectiva de dar respostas aos ataques Eurocentristas que alegam que África não tem História, não tem legado, reduzindo-nos a meros escravos que surgiram devidos os “seus descobrimentos”. Na verdade, não ficou como idealizado inicialmente porque senti-me na necessidade de reorganizá-lo por forma a compreender uma diversidade temática que alargasse o campo de acção e, se pode ver que, as músicas são essencialmente informativas e de opinião com a intenção de elevar quem o ouve para o palco da luta pelos seus direitos, contrapondo as injustiças. Mas de referir que todos têm o direito de tirar as suas ilações em relação a isso.

Pergunta: Sabemos que a mídia tem um poder de comunicação muito forte com a sociedade. Em Angola, tem alguma emissora de tv ou rádio que abre esse espaço para artistas de intervenção social?

Resposta: Sim, tem e são mais as rádios, sobretudo privadas.

Pergunta: Você já teve seus trabalhos censurados em alguma emissora de tv e/ou rádio?

Resposta: Felizmente não.

Pergunta: Quem são suas referências musicais e como elas influenciam nas suas obras?

Resposta: As minhas principais referências musicais são de artistas americanos e as influências são essencialmente no processo de construção artística. Gosto da forma como os manos fazem isso “fácil” (risos).

Pergunta: Fale um pouco sobre seu trabalho como activista da Kultura Hip Hop e sua posição como Panafricanista.

Resposta: Há algo de instintivo em mim que coordena as minhas acções no palco do activismo, eu me identifico sempre com causa nobres e me dão para lutar por elas na intenção de ajudar a trazer uma paz que se reflecta para todos. Meu activismo é natural, acontece quando minha alma sente a necessidade de se expressar por determinada causa e assim vou comprometido até a última gota do meu sangue. O Hip Hop é parte disso e desde muito cedo, desde aprendiz a mestre, venho desenvolvendo acções que garantam a divulgação e conservação do Hip Hop, porque entendo que é a melhor proposta para resolução dos múltiplos problemas que o mundo vivencia. Dentro deste espírito, passei de membro benemérito a Director da Universidade Hip Hop Angola e lá, as acções em grupo têm sido de grande qualidade e constante aprendizado.

Como Pan-Africanista, partilho do ideal de que África precisa agir por si mesma e que as acções para tal devem ter seu ponto de partida nas nossas comunidades, temos de olhar para as nossas famílias com olhos de africanos e ensinar aos nossos filhos sobre o legado deixado pelos nossos ancestrais, como forma de caracterizar uma matriz de pensamento e este ser o guião das nossas acções enquanto povo. Vivo dia após dia, cultivando o conhecimento sobre nós acreditando ser a melhor forma de ser e estar e se preparar para agir como tal. O Projecto Ubuntu tem sido de grande importância e com ele venho aprendendo muito, ligado a ele, os manos Simão Bengui, Isidro Fortunato, Filipe Vidal, Papa Yele, Pick Ngundiancaxe, entre outros.

Tal como Marcos Garvey, Moamar Kadaf, Tomas Sancara, Mugabe e outros, partilho de que África deve se unir, mas dentro de um plano em que se define capaz do continente como região estratégica em determinado seguimento de produção de riqueza, formação de quadros e mercados que facilitem uma economia africana e exercitos fortes.

Pergunta: Qual a importância de fazer esse resgate histórico das origens do povo e como isso pode ajudar no desenvolvimento social do povo angolano?

Resposta: O Resgate histórico de um determinado povo eleva-o ao conhecimento de si mesmo e empondera-o. Cada povo tem a sua matriz e o desenvolvimento se manifesta em função das acções a essa base e quando assim acontece, ele torna-se cada vez mais dono de si e com direito de resposta em relação a outrem. O desenvolvimento social de Angola depende de que se olha para ela. A minha proposta é que se deve olhar de dentro para fora, não o contrário e que, a cultura seja dos principais pontos a se ter em conta, pois acredito ser a via pelo qual o povo se retrata e quererá evoluir.

Pergunta: Por essa entrevista se tratar de uma revista do Brasil, gostaria de saber se você conhece o rap brasileiro e quais as suas influências brasileiras.

Resposta: Sim, Conheço muito mais os antigos do que os novos a citar: Racionais MCs, MV Bill, DMN, Facção Central, SNJ, 509-E, Gog, Sabotage, Rashid, Emcida, D2, Curuja, etc. Em termos de influencias, muito mais os Racionais e MV Bill, pelo seu tipo de Rap pesado e interventivo.

Pergunta: Em Angola, existe a atuação de todos os elementos da Kultura Hip Hop? Fale sobre alguns deles?

Resposta: Ainda não temos a actuação de todos os elementos como tal, mas se consegue ver o crescimento esponencial com o advento da Universidade Hip Hop - U2H, essencialmente. Os que mais actuam são os Emceein (há muitos concertos de música Rap pelo país), Graffit art (muito mais paredes pintadas pelo país) e o Breakin (desde 2013 e 2014 para cá, tem havido muitas acções como concursos de dança, Workshops, etc), vai crescendo muito também o Deejayin e há uma grande presença do Street Knowledge como o pincipal catalizador de tudo.

Pergunta: O rap em Angola tem sido uma ferramenta colaborativa para informar a população sobre temas não falados pela história oficial? Como a educação e a mídia?

Resposta: Claramente. O autodidatismo confere aos Hiphoppas uma capacidade de falar sobre assuntos não aprendidos na academia e os Emcees tem levado este conhecimento para as suas músicas, o que acaba trazendo um grande diferencial em relação a muito do que se ensina. A título de exemplo, é o Hip Hop que trouxe para o conhecimento geral o conhecimento de que África não é resultado dos descobrimentos, que a História de Angola está viciada com factos que apresentam o MPLA e seus membros como os únicos heróis da História de Angola. O Hip Hop educa e a mídia deseduca devido o controlo de que se tem por parte do governo.

Pergunta: Sabendo que diversas pessoas já foram presas e assassinadas injustamente em seu país, por serem rappers e ativistas. Essa violência e injustiça, já fez você pensar em desistir desse ramo?

Resposta: Naturalmente que preocupa e remete-nos a um estado de reflexão profunda, mas não, nunca pensei em desistir, primeiro porque a luta pelo bem comum é maior do que a força que oprime, segundo porque o pior não é morrer ou ser preso, o pior é desistir porque isso não anula uma dessas pessoas, anula sim o curso de toda uma luta que se espera ser benéfica para as gerações vindouras, resistir é necessário!!

